

## Artigo Original

### ARTETERAPIA E IMAGENS: (DES)CONSTRUINDO CAMINHOS

### ART THERAPY AND IMAGES: (DE)CONSTRUCTING PATHS

Robson Xavier da Costa<sup>6</sup>

Ana Cláudia Lopes de Assunção<sup>7</sup>

#### Resumo

Este artigo compreende uma narrativa estético-pedagógica sobre a experiência compartilhada da produção visual dos dois autores realizada durante o processo de formação como arteterapeutas. Objetivamos analisar algumas imagens produzidas pelos autores entre os anos de 2003 e 2004, como aprendentes do curso de formação em arteterapia da parceria Clínica Pomar – Rio de Janeiro/CAPS - Casa Forte, Recife, Pernambuco, Brasil. Neste trabalho utilizaremos como bases teórico/práticas aplicadas na arteterapia, os conceitos da psicologia analítica (JUNG, 2002), a técnica da “pintura espontânea” (BELLO, 1996) e o conceito das cinco peles do artista austríaco Hundertwasser, procurando compreender a relação entre a produção visual expressiva criada no *setting* terapêutico, relacionada com as atividades do ateliê de pintura espontânea desenvolvidas no curso de formação em arteterapia (como também fora dele, como alunos em formação) sob supervisão, como meio promotor do desbloqueio do processo criativo dos autores. O foco desse trabalho é a análise da construção visual dos trabalhos expressivos durante os anos de formação como arteterapeutas e as

---

<sup>6</sup> Arteterapeuta membro da Associação Pernambucana de Arteterapia e Prof. do Departamento de Artes Visuais – UFPB/João Pessoa/PB, Líder do Grupo de Pesquisa em Arteterapia e Educação em Artes Visuais - GPAEAV/UFPB/CNPq. Mestre em História – PPGH/UFPB, Doutorando em Arquitetura e Urbanismo PPGAU/UFRN, Bolsista Doutorado Erasmus Mundus – União Européia - EA/UMinho/Portugal. Endereço: Rua Alexandre Herculano, 54, rés do chão esquerdo, Azurém, Guimarães, Portugal, Código Postal 4800026. Email: [robsonxcosta@yahoo.com.br](mailto:robsonxcosta@yahoo.com.br). Fones: (+351) 916668217 ou (+351) 252050824.

<sup>7</sup> Arteterapeuta e Prof<sup>a</sup>. do Departamento de Artes Visuais – URCA/Juazeiro/CE. Membro do GPAEAV/UFPB/CNPq. Mestre em Artes Visuais - PPGAV/UFPB/UFPE. Endereço: Av. João Vieira Carneiro, 940, aptº 106, bloco A, Conjunto Pedro Gondim, João Pessoa, Paraíba, Brasil, CEP 58.031-080. E-mail: [anaclaudia-pb@hotmail.com](mailto:anaclaudia-pb@hotmail.com). Fones: (83) 99386056 ou (83) 87449692.

consequências do contato com as imagens autorreferentes quando o aluno é oriundo da área de arte/educação.

**Palavras Chave:** Arteterapia, Arte/Educação, Artes Visuais.

### **Abstract**

This article includes an aesthetic and educational narrative about the experience shared on the production of two authors had during the process of training as art therapists. We aimed to analyze some images, produced by the authors between the years 2003 and 2004, as “*apprenants*” of art therapy training course in partnership with POMAR Clinic – Rio de Janeiro, and Brazil/CAPS – Casa Forte, Recife, Pernambuco, Brazil. In this paper we will use as base the theory applied in art therapy practice, the concepts of analytical psychology (JUNG, 2002), the technique of “spontaneous painting” (BELLO, 1996) and the concept of the five slims of the Austrian artist Hundertwasser, seeking to understand the relationship between visual production created in significant therapeutic settings, related to the activities of the painting atelier, developed spontaneously in the course of art therapy (as well as outside of it, as students in training) under supervision, as a way of promoting the release of the creatives processes of the authors. The focus of this paper is to analyze the visual construction of expressive works during the formative years of art therapist and the consequences of contact with the images self respect when the student comes from the area of art/education.

**Key words:** Art Therapy, Art/Education, Visual Arts.

### **Introdução**

Ao refletirmos sobre o nosso próprio processo artístico por meio de uma narrativa-pedagógica, identificamos que o mesmo apresentava semelhanças com o caminho

percorrido pelo artista vienense Hunderwasser<sup>8</sup>, sua lógica interna humanista de percepção e ação sobre o mundo. Sua arte nos inspirou para a reflexão e escrita desse ensaio, nos levando a questionar nossa própria prática como arte/educadores, arteterapeutas e artistas.

Hundertwasser (...) é seguramente o artista mais conhecido na Áustria. Também o mais controverso e notório. A sua reputação internacional – já solidamente estabelecida nos finais dos anos sessenta por uma carreira trepidante, iniciada com uma longa e decisiva estadia em Paris, à qual se seguirá uma série de exposições, de discursos-manifestos e *performances-happenings* – será definitivamente consolidada pela volta ao mundo das suas obras em museus dos cinco continentes, uma manifestação planetária levada a cabo com mãos de mestre entre 1975 e 1983 pelo seu empresário Joram Harel: “A Áustria mostra Hundertwasser aos continentes”. (RESTANY, 2003, p. 8).

Segundo Restany (2003) Hundertwasser foi o artista das cinco peles, experimentalista e naturalista, criou diversos manifestos e ações performáticas que sempre envolviam arte e questões socioambientais, como, as atitudes artísticas “o teu direito a janela”, “o teu direito a árvore”, manifesto do bolor contra o racionalismo na arquitetura”, “discurso Nu”, “manifesto los vos Loos”, “inquirino Albergo”, “as retretes de húmus” e “manifesto da santa merda”, entre outros. As cinco peles seriam as cinco interfaces do ser humano com o meio em que habita e as formas de se conectar com o mundo circundante em todas as escalas possíveis.

A primeira pele é a epiderme, a primeira camada ao redor do nosso corpo, que reage aos estímulos sensoriais; a segunda pele é o vestuário, o envoltório que define status e protege o corpo das intempéries, seria a possibilidade do equilíbrio entre o dentro e o fora, adaptação do corpo ao meio e o estabelecimento de contatos visuais e sinestésicos; a terceira pele é a casa do homem, o lugar criado e adaptado para a

---

<sup>8</sup>Friedensreich Hundertwasser – ou como se intitulava “Friedensreich Regentag Dunkelbunt Hundertwasser”, seu nome próprio era Friedrich Stowasser (Viena – DEZ 1928/FEV 200 – a bordo do RMS Queen Elizabeth – Próximo a Nova Zelândia), artista visual austríaco, atuando no desenho, na pintura, na moda, no *happening*, na performance, na escultura, na arquitetura e em projetos sociais, ligados ao seu ativismo ambiental e político, foi um dos grandes nomes da arquitetura orgânica moderna e defensor do meio ambiente.

sobrevivência cotidiana, o ambiente onde se estabelece a família, onde se vive; a quarta pele é o meio social, sua identidade cultural, suas relações humanas, participação comunitária, seu lugar no grupo; a quinta pele é o meio global – ecologia e humanidade, seria sua identificação e atuação ecológica, seu cuidado com a terra e a vida humana, sua contribuição para a continuidade da espécie e equilíbrio ambiental (ecologia).

Refletindo sobre as cinco peles de Hundertwasser, resolvemos olhar sobre nosso próprio processo enquanto arte/educadores no período de formação como arteterapeutas (2003/2004), definindo também as nossas cinco peles:

1ª pele - O Ninho – Saindo da casca - refletimos sobre o nosso lugar de origem, onde iniciamos o processo como arte/educadores até chegarmos a formação como arteterapeutas, definindo assim o entorno do nosso corpo.

2ª pele – O ato criador – ganhando asas – descrevemos e analisamos o processo de criação das imagens transformadoras da nossa prática, a sua significação e os processos emocionais envolventes, a definição de nosso novo lugar.

3ª pele – Imagens espelho – (re)construindo caminhos – discutimos sobre a importância da formação como arteterapeutas na nossa vida pessoal e profissional, as trajetórias e os processos transformadores que definiram nossa relação social a posteriori.

4ª pele – Socializando processos – ensinando a voar – descrevemos aqui quais foram os desdobramentos pessoais e profissionais a partir da tomada de consciência após o processo de formação como arteterapeutas, objetivando a continuidade e a socialização do conhecimento para um público mais amplo.

5ª pele – Caminhos cruzados – aperfeiçoando rotas – nessa etapa refletimos sobre o nosso encontro como arte/educadores ao longo de nove anos de carreira profissional, e os desdobramentos a partir da formação como arteterapeutas.

Em 2003 o Estado da Paraíba, não contava com nenhum curso de formação, nem especialização em arteterapia, os profissionais interessados tinham que se deslocar até

as cidades do Recife ou Natal, em busca de formação, esse foi o nosso caso, nos deslocamos até a cidade do Recife, em Pernambuco, objetivando cursar a formação em arteterapia.

Este estudo tem por objetivo descrever e analisar algumas imagens produzidas durante o nosso percurso como alunos do curso de formação em arteterapia, oferecido pela Clínica Pomar, realizado entre os anos de 2003 e 2004, ministrado no Centro de Atenção Psicossocial - CAPS Casa Forte, na cidade do Recife, Pernambuco, Brasil.

Como autores desse artigo e oriundos da área da arte/educação, estamos habituados ao fazer, refletir e conhecer arte, o que denota um olhar diferenciado para a prática arteterapêutica. Desta forma, pretendemos identificar a relação entre a autoprodução visual expressiva realizada no *setting* terapêutico e as atividades de ateliê de pintura espontânea, compreendendo um processo de autoconhecimento, que utiliza técnicas expressivas para ativar o potencial criativo do indivíduo, para manifestar sua energia vital, sem a preocupação com as regras de composição do campo formal da arte, como afirma Susan Bello:

A Pintura Espontânea surgiu com o desenvolvimento da arteterapia e da terapia expressiva. Pode ser executada por qualquer pessoa interessada em pintar suas emoções e conteúdos inconscientes. É uma expressão de energia vital do artista, sem preocupações com as considerações estéticas. Não é guiada por regras de composição ou valores externos (BELLO, 1996, p. 12).

Pretendemos identificar nas imagens simbólicas, os processos da atividade criadora e o estudo psicológico da produção artística, possibilitando compreender o significado de tal produção. Essa análise se pauta na psicologia analítica de Jung, a qual se “ocupa dos fenômenos psíquicos vistos na sua complexidade, ao contrário de outras correntes que visam reduzir o mais possível os fenômenos complexos a seus elementos” (SILVEIRA, 1976, p.39).

O texto foi montado a partir da sobreposição da autodescrição e autoanálise dos dois autores, apresentando na primeira pessoa do singular (quando dos depoimentos dos autores), apresentando separadamente o pensamento de cada um dos autores, uma visão masculina (Sol) e outra feminina (Lua), sobre o processo de formação em arteterapia. Desta forma, em cada item serão apresentadas as duas visões, cabe ao leitor, identificar no discurso da história de vida dos autores as narrativas individuais e comparar os percursos apontados no texto.

### **1. O ninho: saindo da casca - a primeira pele**

Refletimos aqui sobre o nosso lugar de origem, onde iniciamos o processo como arte/educadores até chegarmos à formação como arteterapeutas, definindo assim o entorno do nosso corpo, como agente de transformação pessoal e profissional, mediados pelo processo arteterapêutico, as duas vozes Sol e Lua, definem os arquétipos do masculino e feminino e auxiliam o leitor na identificação do autor do discurso ao longo de todo o texto.

**Sol** - Após alguns anos atuando como artista visual (e como professor leigo durante os anos de 1988 a 1992), conclui a licenciatura em Educação Artística - artes plásticas pela UFPB, e em 1993 passei a ministrar aulas de artes visuais no Ensino Fundamental e Médio, na rede privada de ensino e posteriormente na rede pública municipal de cidades da Grande João Pessoa (Santa Rita, Conde e Bayeux). Foi durante minha atuação como professor de artes visuais no Ensino Fundamental que tive os primeiros contatos com alunos portadores de necessidades educativas especiais, já inseridos em salas regulares de ensino, crianças com deficiência visual e mental, o desafio inicial do trabalho com essas crianças em um momento em que não se falava ainda da inclusão educacional me levou a acreditar nas possibilidades do poder terapêutico da arte na escola.

Essa experiência me levou a buscar formação especializada na área, iniciei o curso de Pós-Graduação Lato Sensu em Educação Especial na UFPB, concluído em 2005, e comecei a atuar na Educação Especial junto a Fundação de Apoio ao Portador de Deficiência – FUNAD, na Coordenadoria de Apoio ao Portador de Deficiência Mental – CODAM, junto ao Setor de Arteterapia, ressalto que nesse momento, eu ainda não tinha nenhuma formação específica como arteterapeuta, mas desejava fazer formação especializada na área.

Comecei a atuar como professor de cursos de formação continuada de professores para a Prefeitura Municipal de João Pessoa, e para a Secretaria de Educação do Estado da Paraíba, durante os anos de 2000 e 2004, observando o comportamento emocional dos professores nos cursos e na troca de experiências, onde exteriorizavam seus problemas emocionais e pessoais, um processo de catarse coletiva, ao estimular o desbloqueio do processo criativo desses professores passei a enxergar a necessidade de me aprofundar no conhecimento da arteterapia, o que me levou a buscar o curso de formação da Clínica Pomar no Recife.

**Lua** – Durante as atividades desenvolvidas em sala de aula como arte/educadora, em diferentes locais onde eu atuava, tais como: escolas públicas e privadas e cursos de formação, tendo um público que variava entre crianças, adolescentes e adultos, costumava observar as imagens que surgiam em seus processos criativos e aos seus relatos. Este processo me instigava a querer conhecer a fundo como isto acontecia. Acreditava que esta produção ia além do manuseio dos materiais e da apropriação de técnicas, atividades estas desenvolvidas em sala de aula, mesmo trabalhando com a leitura e interpretação das obras de grandes artistas, assim como artistas populares, tendo como objetivo proporcionar uma ampliação no olhar do docente, uma vivência estética, percebia que algo acontecia na vida dessas pessoas a partir do trabalho com arte.

Percebia desta forma, que ali naquelas imagens produzidas pelos alunos tinha algo de revelador, que não poderiam ser traduzidos apenas em palavras. Algo que emergia de uma sequência de atividades que partiam primeiramente de uma sensibilização, de uma motivação que o levasse a uma autorreflexão de sua existência, inserida no contexto ao qual estava sendo trabalhado. Foi então que, no percurso da vida em meio a estas reflexões, encontrei a formação em arteterapia, oferecida pela Clínica Pomar, com os encontros presenciais na cidade de Recife.

## **2. O ato criador: ganhando asas – a segunda pele**

Descreveremos e analisaremos o processo de criação das imagens transformadoras da nossa prática, a sua significação e os processos emocionais envolventes, a definição de nosso novo lugar no mundo profissional e os desdobramentos ocorridos.

**Sol** – ao longo de quase um ano e meio de curso de formação em arteterapia, produzi inúmeras imagens, durante os workshops nas aulas, como também sozinho no meu ateliê/residência, processo contínuo e paralelo às atividades do curso. Analisarei neste ensaio uma série de imagens de retratos pintados de forma espontânea em pequenos formatos, com tinta acrílica, desenvolvidos no meu ateliê/residência durante os anos de 2003/2004, quando estava trabalhando com a função terapêutica da persona<sup>9</sup> no curso de formação em arteterapia.

Escolhi trabalhar com uma série de retratos (ver figuras de 01 a 06), devido à utilização de técnicas semelhantes a que desenvolvi durante as aulas presenciais de arteterapia - imagens figurativas expressivas e o uso da pintura espontânea. O fluxo contínuo com que trabalhei essas imagens durante esse período e a carga emocional que

---

<sup>9</sup> Conceito criado pelo psiquiatra suíço Carl Gustav Jung (1875-1961) para identificar as diferentes formas que os seres humanos agem em cada contexto social, como um mecanismo de defesa do psiquismo humano, ao adaptar-se ao meio. A Persona reflete o processo de adaptação do ser humano pelo comportamento frente ao mundo.

as mesmas despertaram em mim durante o processo arteterapêutico foi extremamente transformadora. À medida que essas imagens foram sendo gestadas, sentia um misto de ansiedade e alívio, fui meio que levado pela pintura, pela sequência intensa do surgimento das imagens e pela espontaneidade delas.



Figura 01 – SOL – pintura espontânea - acrílica S/Eucatex - 9 x 12Cm – 2003.



Figura 02 – SOL – pintura espontânea - acrílica S/Eucatex - 9 x 12Cm – 2003.



Figura 03 – SOL – pintura espontânea - acrílica S/Eucatex - 9 x 12Cm – 2003.



Figura 04 – SOL – pintura espontânea - acrílica S/Eucatex - 9 x 12Cm – 2003.



Figura 05 – SOL – pintura espontânea - acrílica S/Eucatex - 9 x 12Cm – 2003.



Figura 06 – SOL – pintura espontânea - acrílica S/Eucatex - 9 x 12Cm – 2003.

Durante o processo me identifiquei com várias imagens produzidas, sentia como se várias partes de mim mesmo estivessem sendo retratadas nas pinturas, como se diferentes personas surgissem nas imagens. Elementos do universo masculino e feminino interagem constantemente e se sobrepunham, levando-me a refletir sobre a minha

anima<sup>10</sup>. As imagens fluíram como no automatismo psíquico dos surrealistas, surgiam trazendo uma intensa carga emotiva, que hora incomodavam, hora eram fonte de prazer estético.

Entre as imagens selecionei seis, que considerei mais significativas, três com elementos femininos, ligados a anima (ver figuras 01,02 e 03), e três imagens com elementos masculinos (ver figuras 04,05 e 06). Ao rever essas imagens após oito anos, pude identificar que as mesmas representam um momento tenso da minha vida, repleto de desafios constantes, durante o qual eu tive de enfrentar questões pessoais e profissionais instigantes, tais como mudanças constantes de empregos, redirecionamento profissional e autoafirmação como pessoa, essas imagens representam uma importante etapa do meu processo de autoconhecimento como arte/educador e como arteterapeuta.

**Lua** - Neste breve relato pretendo analisar a produção visual expressiva construída no *setting* arteterapêutico, em que parti de algumas imagens resultantes de uma sequência de vivências, entre elas, destaquei um processo de pintura espontânea em que fui estimulada a produzir imagens gestualmente, sem que passasse pelo racional, pelo organizacional da estrutura compositiva. O facilitador neste momento me levou a vivenciar uma série de atividades sensoriais, entre elas iniciando pela organização do ambiente e preparação dos materiais a serem utilizados no processo. Estimulada por uma variedade de músicas, que iniciaram com ritmos yan, conduzindo a uma movimentação corporal expansiva com gestos fortes e vibrantes. Quando o ambiente estava pronto para iniciar a atividade de pintura e o corpo bastante aquecido, sentei no chão e o ritmo da música foi mudando para algo mais yin. Neste momento foi feito o convite para que deixasse a tinta escorrer sobre o papel, seguindo seu ritmo gestual, o qual havia despertado após aquela

---

<sup>10</sup> Para Jung à “anima” é o componente feminino na psique masculina, que foi inspirado no termo de origem latina “animare”, ligado a ideia do animar, viver, sendo o pólo oposto do “animus” o componente masculino na psique feminina (SILVEIRA, 1976).

sequência de atividades, trabalhou-se com um bloco de papéis, para cada folha um gesto, cada um seguia seu ritmo e definia a hora de parar.

O resultado deste processo gerou uma série de imagens espontâneas, das quais selecionei três (ver figuras 07, 08 e 09) que se assemelham pelo gesto, para dar continuidade na atividade. Escolhi uma destas imagens para ampliar num suporte, (figura 09) que já estava fixado na parede, onde reproduzi este gesto numa outra dimensão, trabalhei sobre esta imagem com cores diluídas em água. Era um exercício contínuo de reprodução do movimento, onde eu trocava apenas as cores, as quais corriam sobre o papel e se misturavam.



Figuras 07 - LUA – pintura abstrata espontânea – aguada de nanquim s/papel A4 - 2003.



Figuras 08 - LUA – pintura abstrata espontânea – aguada de nanquim s/papel A4 - 2003.



Figuras 09 - LUA – pintura abstrata espontânea – aguada de nanquim s/papel A4 - 2003.

Neste processo percebi que algo se desmanchava dentro de mim, como rupturas. O uso da tinta aguada favoreceu em muito este diluir e na transparência das cores, algo desvelado aparente, nenhuma cor desaparecia tudo se sobrepunha, a sensação que tive era como se abrisse uma porta no meu ser e fosse feito o convite para entrar. Este estado me proporcionou uma sensação de muito prazer, era como uma cachoeira de cores, que partiam de pingos coloridos como lágrimas que correm dos olhos, transbordando os limites e se transformando em uma cachoeira, que transborda pelos rios que rompe todos os limites e deixa-se fluir através do tempo. Um prazer imenso no processo de execução,

ao ver as novas cores que surgiam de suas misturas e escorriam pelo papel. Esta vivência me proporcionou um estado de apreciação de profunda beleza.

A primeira imagem que surgiu (figura 10) defino como uma cachoeira de cores, fluídas e transparentes, oriunda de um gesto circular, que sugere um semicírculo que vai se reproduzindo em profundidade num movimento em espiral.

Deste gesto de pintar tão prazeroso, junto ao ato de visualizar as tintas em cores escorrendo e se fundindo umas com as outras, foi que veio a necessidade de continuar em outro suporte este experimento tomando outra forma, já com o papel na vertical, deixei simplesmente as cores correrem e me delicieei com os percursos dos pingos de tinta escorrendo pelo papel em cores translúcidas e luminosas. Neste momento me senti desnuda e ao mesmo tempo acolhida. Foi um sentimento de conforto e liberdade, de me despir e me lançar, sem medo de arriscar.



Figura 10 - LUA – pintura abstrata espontânea – aguada de acrílica s/papel A3 - 2003.



Figura 11 - LUA – pintura abstrata espontânea – aguada de acrílica s/papel A3 – 2003.

### **3. Imagem espelho: (re)construindo ninhos – a terceira pele**

Discutimos aqui a importância da formação como arteterapeutas na nossa vida pessoal e profissional, as trajetórias e os processos transformadores que definiram nossa relação social a posteriori. Refletindo sobre nossas práticas profissionais.

**Sol** – A opção de me submeter a uma formação em arteterapia, sendo arte/educador, foi derivada da própria necessidade de me autoconhecer como pessoa e como profissional, já que o professor no cotidiano lida diariamente com pessoas das mais diferentes classes e origens, e de alguma forma, influencia e é influenciado por elas. Eu buscava compreender e estimular o meu próprio processo criativo, adormecido, naquele momento da vida, pela excessiva carga de atividades burocráticas e acadêmicas a que a ação educativa me impunha.

Ao iniciar o processo formativo, estava aberto e disponível para mudanças e desejava que as minhas estruturas emocionais e pessoais fossem trabalhadas, buscando favorecer a minha compreensão dos problemas dos outros a partir das minhas próprias vivências. A formação me proporcionou a experimentação de técnicas e materiais (na maioria das vezes já conhecidos da minha prática como artista visual e arte/educador) em contextos arteterapêuticos, favorecendo o trabalho com grupos humanos e com o desbloqueio do processo criativo dos alunos.

A minha entrega pessoal e emocional durante todo o processo de formação em arteterapia foi intensa e verdadeira, em cada workshop do curso, um novo aspecto do meu *Self*<sup>11</sup> foi trabalhado e desvelado. Todo o processo foi tão holístico que se tornou necessário um investimento emocional total, questões pessoais foram somatizadas e vivenciadas, em busca do meu processo de individuação.

**Lua** - A escolha pela formação em arteterapia iniciou pela necessidade de encontrar algumas respostas para o processo criativo, como isto acontece? O que leva uma pessoa a produzir tais imagens? Algo sem uma explicação concreta até então. Desde a infância sinto esta necessidade de me expressar através das linguagens artísticas, seja ela desenho ou pintura, teatro ou música, enfim sempre busquei estes experimentos, não tinha a intenção de ser um profissional na área, mas percebia que isto

---

<sup>11</sup> Para Jung o self é o núcleo central da psique, princípio fundamental e ordenador de energias, é através da experiência vivida que o ser humano busca o seu autoconhecimento e chega ao centro percorrendo ao longo da vida o processo de individuação, o caminho de si mesmo.

era imprescindível no meu percurso, pois quando aconteciam coisas que me desestruturava emocionalmente, era com o fazer artístico que eu retornava ao meu eixo, era e ainda é como uma fonte revigorante do meu equilíbrio emocional.

Depois como profissional, atuando como arte/educadora observava também o quanto a ato de criar mexia com os alunos, como se fundiam o aprendizado das linguagens artísticas com suas histórias de vida, com seus conflitos existências, tornando-se a sala de aula não só um local de ensino-aprendizagem como também um espaço de diálogo, de trocas de experiências cotidianas.

Quando iniciei o processo de formação em arteterapia, passei por um profundo mergulho na minha existência, senti que seria algo bastante forte e poderia mexer com todas as minhas estruturas pessoais e emocionais, mas era exatamente isto que eu estava querendo, percebi que para eu compreender o outro no seu processo criativo, precisaria primeiramente me compreender e experimentar das inúmeras possibilidades de materiais e técnicas que a formação nos oferecia, reconhecendo as suas propriedades terapêuticas e facilitadoras para desvelar o inconsciente e ir a fundo nas questões psicológicas.

A vivência foi intensa, a cada encontro muitas descobertas, para participar desta formação era preciso uma grande disposição, de querer se despir das amarras que mascaram o *Self*, para que pudéssemos chegar bem próximo do que realmente somos. Uma autodescoberta de quem somos e do que queremos.

#### **4. Socializando processos: ensinando a voar – a quarta pele**

Procuramos descrever quais foram os desdobramentos pessoais e profissionais a partir da tomada de consciência após o processo de formação como arteterapeutas, objetivando a continuidade e a socialização desse conhecimento para um público mais amplo.

**Sol e Lua** - Criamos inicialmente o Grupo de Estudos em Arteterapia na UFPB em 2005<sup>12</sup>, transformado posteriormente em Grupo de Pesquisa em Arteterapia e Educação em Artes Visuais – GPAEAV – credenciado pela UFPB junto ao CNPq no ano de 2009, onde desenvolvemos as seguintes atividades de extensão e pesquisa - o grupo de estudo em arteterapia; a criação, organização e coordenação de cinco encontros paraibanos de arteterapia (EPA) e dois Congressos Nordestinos de Arteterapia; o desenvolvimento de projetos de extensão e pesquisa em arteterapia ligados a UFPB; a apresentação de trabalhos em seminários e congressos da área de Arteterapia e áreas afins; a criação do “curso de pós-graduação *lato sensu* em arteterapia e saúde mental” da UFPB; o apoio ao “Curso de pós-graduação *lato sensu* em arteterapia e educação do ser” da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, Natal, Brasil; a publicação de *papers* em encontros, congressos e periódicos de arteterapia e áreas afins; a publicação de um livro.

O foco principal do GPAEAV da UFPB é fomentar o desenvolvimento e divulgação do conhecimento sobre Arteterapia no Brasil e no mundo, a partir das experiências desenvolvidas no Estado da Paraíba e no Nordeste brasileiro.

Ambos continuamos extremamente envolvidos com o fazer arteterapêutico que tem influenciado a nossa produção visual como artista/educadores e como investigadores na área de artes visuais. A possibilidade de fomentar um conhecimento de uma educação holística a partir da área de artes visuais, passando pela arteterapia como nova área de conhecimento multidisciplinar, possibilita utilizarmos esses conhecimentos como educadores em artes visuais em sala de aula, favorecendo o diálogo necessário entre professor e aluno no mundo acadêmico.

**Sol** - Quanto a minha produção como artista visual a experiência com a produção de pinturas figurativas espontâneas expressivas, voltou à tona no ano de 2010, quando produzi uma série de novos retratos em pequenos formatos com tinta acrílica que remete

---

<sup>12</sup> O GPAEAV – Grupo de pesquisa em arteterapia e educação em artes visuais, ligado a Universidade Federal da Paraíba – UFPB, foi criado inicialmente em 2005, como Grupo de Estudos em Arteterapia.

diretamente ao trabalho desenvolvido nos anos de 2003/2004, dos quais selecionei quatro imagens (ver figuras 12 a 15). Ao contrário da produção anterior, essa nova série foi acompanhada de sentimentos prazerosos, intensos e estimulantes, frutos de um processo contínuo de transformações pessoais e profissionais partilhados pela minha trajetória como arteterapeuta e arte/educador.



Figura 12 – SOL – pintura espontânea - acrílica S/Eucatex - 10 x 15Cm – 2010.

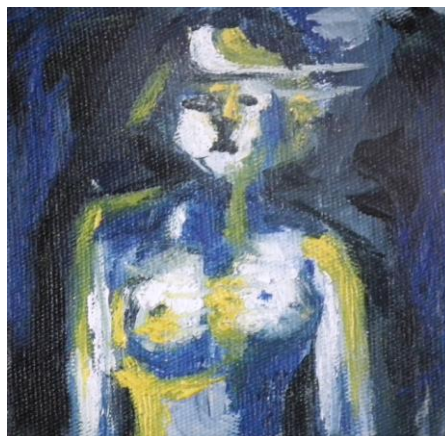


Figura 13 – SOL – pintura espontânea - acrílica S/Eucatex - 10 x 15Cm – 2010.



Figura 14 – SOL – pintura espontânea - acrílica S/Eucatex - 10 x 15Cm – 2010.



Figura 15 – SOL – pintura espontânea - acrílica S/Eucatex - 10 x 15Cm – 2010.

**Lua** – Ao retornar para João Pessoa, para ingressar no mestrado em Artes Visuais da UFPB/UFPE, em 2010, encontro o Grupo de Pesquisa em Arteterapia e Educação em Artes Visuais numa grande produção. Nesse processo entre iniciar um mestrado e as vivências com o Grupo de Pesquisa, me senti estimulada a retomar meu processo de

criação com pintura, no qual para minha surpresa, vejo emergir as imagens que estavam adormecidas, como que aguardando este momento para eclodirem. Nesta retomada percebo que aquelas imagens que surgiram de um processo de pinturas gestuais reaparecem novamente, num novo exercício, com mais força e vigor. Do mesmo gesto que me levou a produção de imagens, em que utilizei materiais fluídos como a aguada, vem renascer após estas idas e vindas, no meu percurso profissional, imagens com pinceladas vigorosas, tintas pastosas e cores fortes (Figuras 16 e 17).

Isto me leva a crer que é uma expressão da minha própria maturação, uma consistência no meu existir, mais tempo vivido, mais experiência, a visão do entorno se amplia. Porém fico a pensar sobre este gesto recorrente, o que representa? Ainda não tenho respostas, mas sei que são partes de um todo que vem se desvelando em códigos, aos poucos, para que eu possa decifrá-los e mergulhar no meu processo de individuação. Não pretendo aqui definir meus experimentos como obras de arte, mas sim como um exercício do fazer arte, reflexivo e relacionado com meu existir. Neste sentido Cecília Salles (2008, p. 17) nos fala “da necessidade de pensar a criação como rede de conexões (...) ao longo desse percurso, a rede ganha complexidade à medida que novas relações vão sendo estabelecidas”. É desta forma que penso o processo de criação destes experimentos uma junção das percepções e reações no percurso cotidiano.



Figura 16 – LUA – pintura espontânea - acrílica  
S/Madeira 30 x 30Cm – 2010.



Figura 17 – LUA – pintura espontânea - acrílica  
S/Madeira 30 x 30Cm – 2010.

## 5. Caminhos cruzados: aperfeiçoando rotas – a quinta pele

Nessa última etapa refletimos sobre o nosso encontro como arte/educadores ao longo de nove anos de carreira profissional, e os desdobramentos futuros a partir da nossa formação como arteterapeutas.

**Sol e Lua** – Nosso primeiro contato ocorreu em 2002, quando ambos fazíamos parte da equipe de facilitadores do curso de formação continuada de professores em Educação Infantil da Prefeitura Municipal de João Pessoa, Paraíba, Brasil, durante o planejamento do curso, trocamos muitas ideias e partilhamos conhecimentos, o que tornou-se uma parceria continuada, de forma assistemática ao longo desses nove anos (2002 – 2011), foi durante esse trabalho tomamos conhecimento do Curso de Formação em Arteterapia da parceria entre a Clínica Pomar e o CAPS Casa Forte no Recife, e então decidimos trilhar essa jornada pessoal e profissional juntos.

Durante todo o período de formação realizamos inúmeras atividades em grupo, o que fortaleceu o contato, ao longo dos altos e baixos, pessoais e emocionais, como alunos do curso, essa proximidade nos levou a planejar e desenvolver o estágio supervisionado em parceria, incluindo mais uma integrante no grupo a também arte/educadora e psicóloga Éricka Barros, aluna da mesma turma do curso de formação, que também residia em João Pessoa, Paraíba, Brasil.

No ano de 2003, ambos nos submetemos ao concurso para professor substituto na área de artes visuais da UFPB e fomos aprovados, passamos então a trabalhar juntos na universidade enquanto estávamos em período de formação em arteterapia, essa proximidade nos levou a desenvolver o estágio do curso nas instalações da UFPB.

**Sol** - Em fins de 2004, nossa trajetória profissional tomou novos rumos, me submeti ao concurso como professor efetivo do Departamento de Artes Visuais da UFPB, passando então a atuar como professor permanentemente dessa instituição.

**Lua** - Eu finalizei o contrato como professora substituta da UFPB e em 2007, me submeti ao concurso para professora da Escola de Belas Artes da Universidade Regional do Cariri – URCA, em Barbalha, Ceará, Brasil, hoje já reconhecido como Centro de Artes Reitora Violeta Arraes Gervaiseu e tendo suas instalações na cidade de Juazeiro do Norte, onde atualmente desenvolvo atividades docentes.

Durante esse período continuamos em contato profissional, desenvolvendo trabalhos em parcerias entre as duas universidades, e no ano de 2010, LUA volta para João Pessoa como aluna do Programa de Pós-Graduação Associado *Lato Sensu* em Artes Visuais da UFPB/UFPE, retornando como membro das atividades regulares do GPAEAV, período em que SOL se encontra afastado das atividades docentes cursando o doutorado e ausente do país como bolsista Erasmus Mundus da União Européia.

Data de recebimento: 14 de Abril de 2012.

Data de aceite: 19 de Julho de 2012

## Referências

JUNG, C. G. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Trad. Maria Luíza Appy, Dorra Mariana R. Ferreira da Silva. 7ª Ed. Coleção Obra Completa, Volume 9/1, Petrópolis – RJ: Vozes, 2002.

RESTANY, P. **Hundertwasser**: o pintor - rei das cinco peles. Coleção O Poder da Arte. Trad. Portuguesa Teresa Carvalho. Köln – Alemanha: Taschen, 2003.

SALLES, C. A. **Redes da criação**: construção da obra de arte. Vinhedo: Editora Horizonte, 2008.

SILVEIRA, N. **Jung**: vida e obra. 5ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

SUZAN, B. **Pintando sua alma**: um método para desenvolver a personalidade criativa. Trad. William Santiago. Brasília, 1996.